

Cadeirinha

MUSEU NACIONAL DOS COCHES – Guia. Lisboa: Ministério da Cultura/IPM, M.N.dos Coches, 2002

p.48

Cadeirinha

“Tipo de transporte sem rodas carregado por dois ou quatro homens que suportavam o peso com a ajuda de correias de couro suspensas aos ombros, utilizando dos varais amovíveis, encaixados em suportes metálicos fixos lateralmente. (...)”

Obs. – Foram tiradas cópias das páginas 98 a 103 desse catálogo, contendo tipologias de coches, berlindas, carruagens, liteiras e cadeirinhas. As cópias estão no dossiê das viaturas do MHN.

BOTELHO, Nilza. *Serpentinas e Cadeirinhas de Arruar*. In Anais do MHN vol.IV, 1943. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Imprensa Nacional, 1947.

p.455

“A cadeirinha, apesar de ter sido mais usada no século XIX, já existia no Brasil desde os princípios do XVIII. (...) No Rio de Janeiro, ela apareceu transportando as pessoas do governo pouco depois de 1639, ocasião em que a Casa da Câmara se mudou do Morro do Castelo para a várzea vizinha.”

Obs.- Xeroquei páginas desse texto, com descrições das cadeirinhas existentes no MHN e a bibliografia utilizada para a redação. Estão no “dossiê” do acervo.

Lembrar que também existe texto do Cícero, no volume XXX, 1998, dos Anais.

DUNLOP, Charles. Os meios de transporte do Rio antigo. S/local: Ministério dos Transportes/ Serviço de Documentação, 1972.

p.14

“Segundo mestre Vieira Fazenda, era raro encontrar uma família de recursos e distinção que não se utilizasse de cadeirinha para missas, batizados e casamentos. Nas cerimônias de batismo, encarapitava-se a ama com a criança dentro da tal *história*, e os pais e padrinhos caminhavam ao lado, palmilhando todo o percurso, até à igreja. Nos casamentos, a noiva ia na primeira cadeirinha, que rompia o cortejo nupcial; noutra, se aboletava a madrinha, seguindo o noivo, o padrinho e os convidados a pé.”

p.15

“Nas velhas mansões afidalgadas do Rio, as cadeirinhas particulares eram guardadas em lugares especiais, em geral suspensas por meio de cordas e roldanas ao teto do vestibulo, ficando assim a salvo de estrago, de encontrões e da curiosidade e traquinagem das crianças.”

DEBRET, Jean Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Tomo Terceiro. B. Horizonte: Ed. Itatiaia Ltda.; S. Paulo: Ed. da USP, 1989.

p.142/143

“A cadeirinha, importada de Lisboa, é usada no Brasil como a liteira em França. Serve comumente para as senhoras irem à missa.

(...)

A cadeirinha, como o balcão, é um palco de faceirice; nela também o primeiro gesto gracioso de uma senhora brasileira consiste em agitar o leque fechado (...)./

Algumas senhoras, para sua distração durante o trajeto, fecham as cortinas de um dos lados da cadeirinha, formando com habilidade, à altura dos olhos, uma pequena mas deselegante abertura, no intuito de não serem reconhecidas pelos transeuntes.

Finalmente, ao chegar a casa, é a cadeirinha despojada de suas cortinas e coberta com uma tela grosseira que a preserva da poeira, durante o tempo em que não é utilizada. Suspendem-na em seguida ao teto do corredor de entrada, bem junto ao muro, a fim de dar passagem aos barris dos negros carregadores de água.

As funções da cadeirinha não se limitam aos curtos passeios; tornaremos a encontrá-la figurando vantajosamente nas diferentes cerimônias religiosas.”